

**Peça
a estreiar
dia 27**

IDADE DAS TREVAS RENASCE EM 'TERRA' DA COMUNA

"Terra" é uma peça em que nada, e ao mesmo tempo tudo, acontece. Num "terreiro" amplo e desolado, dez personagens falam-nos das suas desgraças e das suas (poucas) esperanças. Tudo se vive num tempo e num espaço de obscuridade, exterior e interior, em que a peste e a fome dominam a vontade dos homens "Terra", de Abel Neves, é nova produção da Comuna — Teatro de Pesquisa, que deverá estreiar na próxima quarta-feira. Integrada no Festival Internacional de Teatro, a apresentação deste espectáculo do jovem dramaturgo e actor da Comuna será acompanhada por uma série de actividades paralelas.

Estas iniciativas iniciam-se já hoje, dia em que será realizada uma antestreia da peça destinada a jornalistas, críticos e convidados. Assim, pelas 18.30, realiza-se um concerto de música medieval pelo grupo La Batalla, de Pedro Caldeira Cabral, com entrada livre, e será posta à venda o texto da peça, que as Edições Cotovia acabam de editar. Todos os sábados decorrerão outros concertos, coloquios relacionados com o tema da peça, e serão apresentados vídeos.

João Mota tem a seu cargo a dramaturgia, versão cénica e encenação de "Terra", enquanto Carlos Paulo é o responsável pelos figurinos. A direcção e pesquisa musical é de José Pedro Calado.

A idade das trevas

As trevas são totais. Os sinos das igrejas enchem o ar. Num imensa "clareira" de solo revoltado e deformado, um homem de aspecto miserável persegue o espaço. Os tempos são maus, ele sofre a dor da vida. Sente frio, o frio da morte. É Adrião, o primeiro de um grupo de viajantes

que foge da peste, numa das épocas mais duras da História, a Idade Média.

Martim chega então, assustado. Abandonados pela sorte, procuram o caminho para o mar, onde os espera um barco, que os levará ao seu sonho. Depois chegam Tomás-Cara-de-Nabo, Zulmira (a dona de uma estalagem), Inácio e Berta (os seus criados), Corvo (o cozeiro) e Conceição (a parteira). Discutem os sinos que os aterrorizam, a fome que lhes rói as entranhas. Estamos na quarta-feira de cinzas, mas eles não viveram as alegrias do Carnaval.

As suas personalidades vão-se revelando. Adrião (Almeno Gonçalves) é líder, Martim (Victor Soares) é o bom samaritano, Tomás-Cara-de-Nabo (Paulo Ferreira) é o que mais sofre, o medroso.

Martim dá de comer ao Cara-de-Nabo, que diz que está a morrer. Resolvem pernoitar mas, repentinamente, ouvem-se sinos e tambores que assustam os viajantes, que pensam ser os Farrapões, grupos meio tresloucados que assaltam os viajantes.

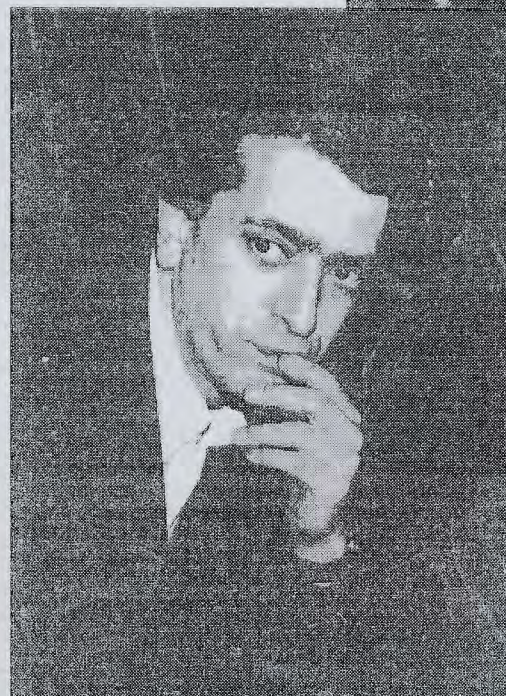
Inácio (Carlos Paulo), de súbito, atira-se a Zulmira (Cucha Carvalho), a sua patroa, tentando possuí-la, num acto de loucura que parece prenunciar a doença de que fugiam e que termina com a sua "morte". Mas esta "morte" que a todos assusta é apenas uma brincadeira de Inácio. Só que, sem que ninguém desse por isso, Adrião, deitado debaixo da sua manta, permanece há muito imóvel e, quando vão vê-lo, descobrem que morreu.

Religião e ciência

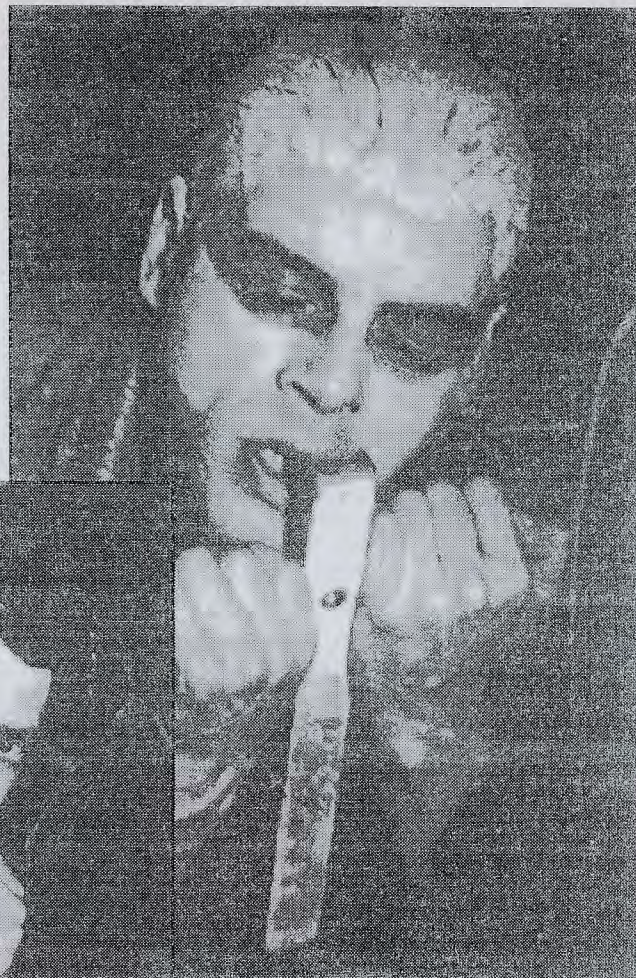
Aparecem então, por acaso do destino, outros dois viajantes: o Padre (Jorge Estreia) e o Físico (Alvaro Correia), que fogem dos

temidos Farrapões. O Físico examina então o morto, mas o som de tambores de se ouvem de súbito, anunciando a chegada dos Farrapões, faz com que todos se atirem ao chão esbaforidos para fingir que tão mortos e assim escapar às sevícias do bando.

Mas quem aparece é a Jovem do Alaúde (Cristina Torres), que avança na sua cegueira, pontuada pelos acordes do instrumento que de tempos a tempos dedilha. Sentido a presença dos corpos, apalpa o Corvo (Jorge Brissos), que agarrado à sua cruz se mantém imóvel no chão. É então que o físico, apercebendo-se da cegueira da jovem, a engana



Abel Neves, também actor da Comuna, é o autor de "Terra", uma peça em que nada, e ao mesmo tempo tudo, acontece



O Corvo (Alíredo Brissos) encontra na cruz a segurança que não existe em tempo de obscurantismo e peste

com sons de animais, fazendo com que ela parta.

Novamente sós e descansados, alguns viajantes resolvem aproveitar a presença do físico e solicitam-lhe que os examine, mas o Padre obriga-as a confes-

sarem-se primeiro. Berta (Rita Salema) oferece-se para ser a primeira, e pede ao Padre que a case com Martim. Ele acede, e logo chama Martim, que se dizia um antigo embarcadouro, mas acaba por revelar na confissão que nunca viu sequer o mar, e que tinha estado preso por roubar mendigos.

E é nestas confissões que os propósitos de todos se revelam. Inácio confessa que foi ele quem matou o marido da sua patroa Zulmira porque a ama e ele lhe batia todos os dias. Tomás-Cara-de-Nabo, muito pio, que já tinha doado as suas terras à igreja, dá o que ainda lhe resta ao Padre, acreditando que assim compraria o seu lugar no Céu.

O Padre casa então Berta e Martim, num momento em que todos esquecem as tristezas e descobrem a alegria arredada das suas almas, mas a morte logo retoma o seu domínio sobre a vida quando é "redescoberto" o falecido Adrião. Quando ele ia ser enterrado os Farrapões fazem-se novamente ouvir, e outra vez eles se fingem de mortos.

Os Farrapões desta vez vêm mesmo, numa dança frenética, e depois de roubarem tudo o que podem aos viajantes partem. Dando graças aos céus (ou aos infernos) por ainda estarem vivos, e como ficaram sem agasalhos, os viajantes deitam-se todos juntos, para assim manterem acesa a fogueira chamada das suas vidas, e adormecem por fim.

No silêncio da noite, Adrião "ressuscita" da sua morte, encontrando o caminho para o Céu, e descobrindo então a paz que não viveu na terra.

Texto: Miguel Crespo
Fotos: Marques Valentim

Corvo da Rocha 23/03/91, p.44